

## RELAÇÕES DE DISCURSO E PODER NO PROCESSO MIGRATÓRIO SERTANEJO-AMAZÔNICO NO JORNAL *FOLHA DO NORTE* E NO ROMANCE *A SELVA* (1930) DE FERREIRA DE CASTRO

DISCOURSE AND POWER RELATIONS IN THE SERTANEJO-AMAZONIAN MI-GRATION PROCESS AS PORTRAYED IN THE *FOLHA DO NORTE* NEWSPAPER AND FERREIRA DE CASTRO'S NOVEL *A SELVA* (1930)

Antonia Dirlen Pereira Alves <sup>1</sup>

ROR Universidade Federal do Pará

 atndirlen01@gmail.com



Sérgio Wellington Freire Chaves <sup>2</sup>

ROR Universidade Federal do Pará

 sergiofreire@ufpa.br



**RESUMO:** O presente trabalho objetiva realizar um estudo comparado entre o jornal *Folha do Norte* e o romance *A Selva* (1930), de Ferreira de Castro, com foco nas relações de discurso e poder no contexto da migração Sertanejo-amazônica. Para tal, foi necessário analisar que lugar os migrantes Sertanejos tiveram, em ambos os objetos de estudo, durante o período de declínio da borracha, e como as questões econômicas, políticas e sociais envolvidas nesse processo influenciaram nas condições desses trabalhadores e a dinâmica da sociedade amazônica/paraense. Nesse estudo, a metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica com foco na análise crítico-reflexiva e com abordagem tematólogica, amparada por Trousson (1988). A respeito do Sertão e o processo migratório dos Sertanejos para a Amazônia, serão considerados os apontamentos de Lacerda (2006), Costa (2015), Sarges (2002) entre outros estudiosos. Já os estudos literários serão amparados por Bakhtin (1993), Gancho (2004) e Carvalho (2005). Como resultado, a pesquisa mostrou que tanto o jornal, quanto o romance, foram espaços de denúncias às mais variadas formas de exploração, mostrando o quanto esse processo influenciou humana e profissionalmente esses sujeitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Folha do Norte*. *A Selva*. Discurso e poder. Ferreira de Castro. Migração Sertaneja.

**ABSTRACT:** The present work aims to carry out a comparative study between the newspaper *Folha do Norte* and Ferreira de Castro's 1930 novel *A Selva*, focusing on relations of discourse and power in the context of Sertanejos migrating from Brazil's arid Northeast, known as Sertão, to the Amazon region. To this end, it was necessary to analyze what place Sertanejos migrants had, in both objects of study, during the period of the Amazonian rubber industry decline, and how the economic, political and social issues involved in this process influenced the conditions of these workers and the dynamics of Amazonian/Paraense society. In this study, the methodology adopted was bibliographical research focusing on critical-reflexive analysis and with a thematic approach, supported by Trousson (1988). Regarding the Sertão and the migration process of Sertanejos to the Amazon region, the notes of Lacerda (2006), Costa (2015), Sarges (2002) and other scholars will be considered. Literary studies will be supported by Bakhtin (1993), Gancho (2004) and Carvalho (2005). As a result, the research showed that both the newspaper and the novel were spaces for denouncing the most varied forms of exploitation, showing how much this process influenced these individuals humanly and professionally.

**KEYWORDS:** *Folha do Norte*; *A Selva*; Discourse and power; Ferreira de Castro; Sertanejos migrating.

REVISTA  
**Decifrar**

(ISSN: 2318-2229)

Vol. 12, Nº. 24 (Jul-Dez/2024)

### Informações sobre os autores:

1 Graduada em Letras - Língua portuguesa pela Universidade Federal do Pará. Foi integrante de projetos de pesquisa como o MiSAM, que estuda, na literatura paraense, os ecos e vestígios da imigração sertaneja.

2 Professor de Teoria Literária da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará UFPA, Campus Universitário de Bragança PA. Doutor em Letras e Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN, especialista em Estudos Literários pela Fundação Universidade Estadual do Ceará FUNECE e graduado em Letras Língua Portuguesa e respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Ceará UECE.



10.29281/rd.v12i24.16163

### Fluxo de trabalho

Recebido: 10/09/2024

Aceito: 14/11/2024

Publicado: 24/11/2024

Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)



Este trabalho está licenciado sob uma licença:



Verificador de Plágio

**Plagius**



## INTRODUÇÃO

As narrativas, expressões literárias e experiências das regiões Norte e Nordeste raramente tiveram espaços reservados para si na identidade brasileira, relegando a essas áreas apenas uma histórica marginalização, esquecimento e invisibilidade em relação aos demais “brasis”. É no contexto do Ciclo da Borracha da região Norte do Brasil<sup>1</sup>, final do século XIX e início do XX, que a região Norte e Nordeste se entrelaçam, fazendo com que, entre 1889 e 1910, uma leva de sertanejos desembarcasse na capital paraense, Belém. A partir de então, as trajetórias, experiências, desafios e influências desses sertanejos tornaram-se o cerne das narrativas sociais, históricas e literárias da região paraense.

No cenário literário, tem-se o consagrado romance *A Selva*, do escritor português Ferreira de Castro. Lançado pela primeira vez em 1930, a obra evidencia a realidade intensiva experienciada nos seringais, ecoando, em parte, a biografia do próprio autor, que vivenciou na pele as dificuldades existentes dentro da Amazônia, “majestade verde, soberba e enigmática” (Castro, 2002, p. 5) como o próprio Ferreira de Castro a descreve. Portanto, apesar da origem lusitana, *A Selva* se constitui como uma literatura de expressão amazônica.

José Maria Ferreira de Castro, filho de humildes camponeses, nasceu em 2 de junho de 1898, em Salgueiro, região de Portugal. Aos 8 anos perde o pai, e, aos 12, em 1911, Castro imigra para a capital paraense, em busca de sustento para a família, agora, sob sua responsabilidade. Seu destino, assim como o de muitos estrangeiros e brasileiros naquela época, foi o Norte brasileiro, local conhecido por trazer prosperidade e riqueza fácil àqueles que se aventurassem em suas terras. Aportando na capital paraense, Ferreira de Castro lá permaneceu por cerca de 28 dias, partindo, posteriormente, para as margens do Rio Madeira, no seringal Paraíso, onde viveria os próximos quatro anos.

Estar nesse ambiente e conviver com os seringueiros paraenses e cearenses fez o escritor perceber as injustiças, trabalhos forçados e humilhações às quais esses trabalhadores eram submetidos diariamente (Sivi, 2018). Os principais alvos desses atos foram os imigrantes sertanejos; com esses sujeitos, Castro compartilhou não só o espaço, mas também os medos, angústias e injustiças. As desigualdades políticas, sociais e econômicas que presenciou influenciaram sua escrita, sendo percebidas na obra que será aqui analisada.

Publicado em 1930 e escrito entre 1910 e 1920, *A Selva* se caracteriza como um romance social por trazer, em sua narrativa, diversas questões morais, éticas e comportamentais de sua época, flertando assim com a realidade, dessa maneira, “A selva descrita no romance também serve como um microcosmo para o que acontecia no mundo

<sup>1</sup> O primeiro Ciclo da Borracha na região amazônica se deu entre 1870 e 1910, acarretando a primeira onda migratória de trabalhadores, a maioria de origem sertaneja, para o Norte do país.

naquele momento (1930)” (Sivi, 2018, p. 32). No ambiente do seringal Paraíso, é possível encontrar reflexos do mundo dividido pela Segunda Guerra, o abuso iminente de poder por todas as partes e a ascensão do fascismo tanto em Portugal, com o governo de Salazar, quanto no Brasil, com a ditadura de Vargas.

É errôneo e simplista a utilização da seca como principal fator para a migração, uma vez que esse deslocamento de trabalhadores sertanejos para o Norte do país foi um processo histórico complexo, impulsionado por uma interação dinâmica de diversos fatores e causas. Um dos episódios climáticos mais significativos diz respeito à crise árida de 1877 ocorrida na região Nordeste, que impulsionou a migração sertaneja para a Amazônia, já que muitos trabalhadores enxergaram nela uma alternativa para enfrentar as dificuldades que passavam (Souza, 2019). Deste modo, compreende-se que a seca foi sim um catalisador, mas não o único fator para a migração, já que, além dessa motivação climática, o despovoamento dessa região possuiu um caráter também político.

De toda forma, as condições de deslocamento anteriormente citadas se configuram ao que pode ser chamada de migração espontânea, se comparada, por exemplo, à dos anos 40, quando é projeto político, mais especificamente atrelado às questões bélicas. Em 1940 o governo brasileiro cria o Departamento Nacional de Imigração, que teve como principal objetivo a reorganização demográfica do Nordeste, deslocando milhares de nordestinos para a Amazônia, contrastado a isso, mais tarde, em 1942 surge o Acordo de Washington entre Brasil e Estados Unidos, essa aliança surge a partir de uma necessidade de mão de obra nos seringais para a produção em massa de borracha, que era matéria-prima utilizada na produção bélica (Costa, 2014). De qualquer forma, tanto a fundação desse departamento quanto a aliança traçada entre os países parecem mais focados em transportar mão de obra para a produção do armamento bélico, do que, propriamente, para atender aqueles que foram assolados pelas crises climática e sociais dos anos anteriores.

## 1 A SELVA: ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE

É nesse momento de conflitos, reorganizações e incertezas que *A Selva* tem sua primeira publicação. Em meio a um cenário de campanhas governamentais enganosas que incentivavam o abandono de terras sertanejas, da articulação de um plano criado pelo Estado Novo para povoamento das florestas amazônicas, e diante da necessidade de aglomerar mão de obra para produção da borracha nos seringais, era fácil se formar uma conjuntura que “facilitava os nordestinos acreditarem que a Amazônia era uma Canaã, terra onde corria leite e mel, e o dinheiro se ganhava fácil, como se juntassem folhas de árvores com cambito.” (Costa, 2014, p. 71). Esses foram dilemas característicos da época de sua publicação, mas para que *A Selva* (1930) tenha sido escrita, Ferreira de Castro, na



sua chegada, talvez tenha passado e presenciado fenômenos tão desafiantes quanto esses, daí a necessidade de materializar algumas dessas percepções e situações vivenciadas.

Famosa por seu forte teor autobiográfico, *A Selva* (1930) é assim conhecida por possuir elementos em sua narrativa que ecoam a vida do autor, Ferreira de Castro, já que, assim como ele, a figura central do livro, Alberto, é um imigrante português em terras amazônicas-paraenses. Segundo Gancho (2004), o personagem é um ser que pertence à história e pratica ações na narrativa. Nessa obra, o principal deles é o português Alberto, um estudante de direito de 26 anos e que, por razões políticas, é exilado de sua terra natal.

Por advogar em seu país e partir tão somente motivado pelo exílio, Alberto se coloca como superior àqueles que, mais tarde, serão seus colegas de profissão, os seringueiros. Suas atitudes em relação a esses habitantes traçarão nuances sociais e culturais ao longo da narrativa, que evidenciarão as dinâmicas de poder do próprio protagonista para com os trabalhadores, em sua maioria, de origem sertaneja. Confiante de sua superioridade, o discurso do protagonista evidência uma noção de subalternação entre ele e o outro, assim sendo, em uma de suas divagações, se refere da seguinte forma aos cearenses que dividiam consigo espaço no Justo Chermont, a embarcação fluvial responsável pela travessia:

Possuíam alma essas gentes rudes e inexpressivas, que atravancavam o Mundo com sua ignorância, que tiravam à vida colectiva a beleza e a elevação que ela podia ter? Se a possuíssem, se tivessem sensibilidade, não estariam adaptados como estavam àquele curral flutuante. [...]

Além de Alberto, Firmino é um personagem secundário que ganha destaque na obra. Seringueiro cearense, Firmino é a representação daqueles que foram parar na selva pela promessa de prosperidade e que, chegando lá, se depararam com outra realidade: a de exploração, abandono e saudade da sua terra. Esse último aspecto é percebido em diversas partes do texto e, em uma delas, o personagem confessa o desejo de retorno: “Eu não tenho medo nenhum. Se morrer, morri. Se não morrer... o que eu quero é voltar para o Ceará. Sempre que penso na minha terra, sinto uma coisa, aqui, na garganta...” (Castro, 2002, p. 106–107). É ele quem refletirá os anseios, medos e esperanças dos seus, além de guiar Alberto na sua descoberta ao novo mundo, ensinando-lhe estratégias de sobrevivência e novas visões.

Ambientado na região amazônica, o enredo da obra se desdobra a partir das experiências do protagonista Alberto, especialmente no seringal Paraíso. À medida que a narrativa avança, é perceptível que as adversidades, as relações traçadas, aprendizados e o misterioso se entrelaçaram e desenrolam em torno de um fator central: a selva. Nesse sentido, a floresta do Paraíso é o lugar onde a narrativa se desenvolverá. Esse espaço, consoante à teoria de Gancho (2004), é responsável por situar a história e os

personagens no enredo, podendo inclusive provocar alterações nos personagens “[...] quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens” (Gancho, 2004, p. 17).

Ainda de acordo com Gancho (2004), o que faz o enredo se desenvolver de forma satisfatória é a existência de um elemento estruturador, ou, o conflito. É esse elemento responsável por dar dinamismo e vida a uma narrativa, já que, “Conflito é qualquer componente da história (personagens, fatos, *ambiente*, idéias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor.” (Gancho, 2004, p. 8, grifo nosso). Deste modo, pode-se confirmar a existência de um conflito entre o personagem (Alberto) e o ambiente (*A selva*), que age como elemento catalisador, gerando expectativa naquele que lê:

O estranho, vindo de outro cenário, com a sua ambição, subia o mundo ignorado, entregando-lhe a vida. Não sabia sequer se poderia descer. Mas, vencido o abaulado da margem, outra esteira flúvia se escortinava e se via o já visto. Era sempre a mataria, a mataria e a água em amplitudes de pasmar a quem não concebesse que nos oceanos pudessem também crescer bosques mitológicos. Luz forte, crua, veemente, só irisada à hora dos crepúsculos sangrentos, que dir-se-iam a anunciação de novo nascimento da Terra, ardia sobretudo quanto se enxergava, dando alvas projecções às grandes e impuras toalhas líquidas (Castro, 2002, p. 67–68).

Na obra, existe uma interconexão do tempo narrativo com o período em que o livro foi criado, isto é, entre 1910 e 1930, sugerindo que a construção da obra se molda e dialoga com o contexto histórico da época. A respeito do momento de sua publicação, 1930, o que existe é uma sociedade amazônica que presenciava a crise no comércio da borracha, e esta já assolava a região desde 1910. A partir disso, e passado o apogeu inicial da borracha, o que restou foi um desequilíbrio econômico local e o sentimento de incerteza entre os trabalhadores, uma espécie de ressaca econômica e social. A obra carrega em seu enredo essas mesmas questões de instabilidade, sendo isso, portanto, o que “Constitui o pano de fundo para o enredo” (Gancho, 2004, p. 15). No capítulo IX de *A Selva*, o narrador vem evidenciar esse momento de vulnerabilidade na economia da região, remetendo a uma data aproximada de 1910 dentro da narrativa:

A borracha entrara em declive, descendo cada vez mais, e o Verão, reabrindo as trilhas da selva, não trouxera aos seringueiros nenhum calor de estímulo. Custava-lhes até a quebrar, por tão fraca recompensa, a inércia a que os forçara, durante meses e meses, a longa invernia. Sem perspectiva de emancipação, modorravam no cárcere verde, pescando ou caçando quando o estômago o exigia e furtando-se, sempre que a vigilância se ausentava, à extracção da borracha, ingrata e desvalorizada (Castro, 2002, p. 173).



A estrutura narrativa da obra opta por um narrador em terceira pessoa, tal escolha não se deve apenas ao fato de não se tratar de uma obra autobiográfica e sim porque, ao adotar a impessoalidade, o narrador onisciente e presente “[...] não apenas narra o que se passa com os personagens, mas também o que sentem; em outras palavras, ele sabe mais que os personagens.” (Gancho, 2004, p. 20). Logo, a obra não apenas descreve o que ocorre na trama, mas apresenta a complexidade psicológica dos personagens, esse fato se faz particularmente importante quando é tecida uma análise desses sujeitos fictícios. Dessa forma, Castro, ao fazer essa escolha, dá ênfase não só ao protagonista da obra ou a sua possível vivência, mas abre espaço para se entender as angústias, medos e aflições daqueles que serão foco neste estudo: os sertanejos.

## 2 A ODISSEIA SERTANEJA ESCRITA NAS FOLHAS DO NORTE

Para além da literatura, a imprensa foi outro campo que se ocupou em documentar esse episódio histórico dos sertanejos que vieram para a Amazônia. Assim sendo, esse estudo se concentrará também na análise do jornal paraense *Folha do Norte*, que se constitui como uma fonte valiosa para o desenvolvimento dessa pesquisa, uma vez que a sua duração perpassa o momento de interesse, referente ao auge e início da crise da Borracha. Tendo a data de primeira publicação em 1 de janeiro de 1896, uma investigação às suas impressões, permitirá entender de que forma os migrantes vindos do sertão eram referenciados nos noticiários e em qual posição eles se encontravam dentro da sociedade paraense do século XIX.

Em contraste com a frequente negatividade com que o homem sertanejo é tratado historicamente na mídia, o *Folha* surpreendeu ao apresentá-los e representá-los de maneira humana e corajosa, beirando o heroísmo em alguns momentos. A hipótese, a priori, era de que, talvez o jornal perpetuasse uma visão distorcida do sertanejo, mostrando-o como figura marginalizada e incapaz de se adaptar. No entanto, com o avanço da pesquisa notou-se que o noticiário foi de grande importância, sobretudo durante os primeiros anos de adaptação desses trabalhadores, uma vez que ele circulava nos vários segmentos da sociedade paraense, chegando, inclusive, a ser um meio de comunicação entre esses migrantes nordestinos (Lacerda, 2006), além disso, o *Folha* evidenciou suas condições de trabalho, seus desejos e suas histórias, colaborando não apenas para colocá-los enquanto protagonistas, mas também, e principalmente, para desmistificar, socialmente, os estereótipos atribuídos a essa classe.

Assim sendo, foram feitos recortes de textos em edições que referenciavam, de alguma forma, os sertanejos. Apesar da escassez de material, considerando que o diário circulou por mais de 70 anos, o conteúdo utilizado para esse trabalho encontra-se

disponível para consulta no site da Fundação Biblioteca Nacional, e conta com arquivos dos três primeiros anos de existência do jornal (1896, 1897 e 1898). Outra fonte igualmente importante foram os estudos da historiadora Lacerda em sua tese *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889–1916)* de 2006, que, além de trazer perspectivas sobre esse processo migratório, faz uma análise de periódicos significativos desse momento, sendo a *Folha* um deles.

Conforme os *Jornais Paraóaras* (1985, p. 156 *apud* Lacerda, 2006, p. 7) apontam, o *Folha do Norte* foi fundado em 1896, com duração até 1974, um ano depois de Romulo Maiorana adquiri-lo. Para se ter uma compreensão ampla dos pontos de vista ideológicos e sociais deste segmento, é necessário conhecer, minimamente, as concepções de seus fundadores, Eneias Martins e Cipriano Santos, que, certamente, transmitiram seus princípios para as páginas impressas do *Folha*. Cipriano José dos Santos formou-se em Medicina, mas seguiu o ramo jornalístico, assim como o pai, que foi proprietário e redator de outros significativos periódicos. Eneias Martins, por sua vez, bacharelou-se em ciências políticas e sociais, posteriormente adentrando no meio político como governador e deputado federal. Portanto, pode-se perceber, a partir de suas trajetórias, que seus interesses se alinham com o que o *Folha* seria: político, ativista e social.

Desde sua origem e às primeiras impressões, o diário caracterizou-se como independente, noticioso, político e literário, visando, principalmente, o desenvolvimento social e político (*Jornais Paraóaras*, 1985, p. 156, *apud* Lacerda, 2006, p. 7). Alinhado a esse ideal, serviu também como combatente à política do Partido Republicano, representado por Antônio Lemos, enquanto se posicionava a favor de seu adversário, Lauro Sodré, pelo Partido Republicano Federal e que viria mais tarde a ser também do governador Eneias Martins. Assim, sua preocupação enquanto órgão de imprensa transitou tanto pelos meios mais privilegiados quanto pelos mais populares, de modo que

o mundo, o Brasil e a Amazônia chegavam diariamente à casa dos leitores através de colunas como “Ecos e Notícias”, “Reclamações do Povo”, “Jornal dos Estados”, “Notícias do Interior”, das sessões de poesias e literatura, além de textos sobre os mais variados assuntos, que iam desde as preocupações com o futuro da Amazônia com agricultura e borracha, até festas religiosas e populares, moda e comportamento, além das mais variadas propagandas (Lacerda, 2006, p. 10).

A sua abordagem abrangente, a participação ativa em questões sociais, bem como a disponibilidade de espaço para as queixas e informações dos migrantes que se encontravam no Pará, são alguns dos fatores que contribuíram para a boa reputação do *Folha do Norte*. Sobre esse último aspecto, desde o início, o jornal se mostrou particularmente interessado em dar voz a essa classe de trabalhadores que passou a fazer parte do contexto amazônico



a partir do século XIX. Em 5 de junho de 1896, a coluna intitulada “Gazetilha do Povo” apresenta notícias e reflexões de forma bastante sensível a respeito dos cearenses que ali viviam

Felizmente, nestes ultimos tempos, tem consideravelmente melhorado o estado sanitario d’essa colonia de cearenses. Depois de terem-se visto acossados pelas febres de mau character, com falta de recursos e auxilios medicos; depois de muitos d’entre elles, na lucta pela existencia, terem chegado até as portas da miseria, já começam a sentir-se mais encorajados por uma esperança de tempos mais propicios e felizes (*Folha do Norte*, 1896, p. 1).

Em síntese, a chegada do homem sertanejo ao continente amazônico foi marcada pela descoberta de um novo mundo de possibilidades e, acima de tudo, esperança. No entanto, essa trajetória não esteve livre de adversidades e desafios, o que inicialmente foi uma promessa de prosperidade se transformou em um processo árduo de adaptação. O novo lugar, as pressões econômicas e sociais da indústria da borracha e o julgamento que sofriam pela população local foram fatores que dificultaram sua adaptação na tão sonhada “terra da promessa”.

Esse movimento constante de migrantes acabou configurando tanto o ambiente quanto a dinâmica populacional, servindo também como palco para a interação complexa entre discurso e poder em relação a esses recém-chegados. Sendo assim, é indispensável uma investigação que analise essas questões, sendo este estudo fruto da inquietação em relação às escolhas discursivas voltadas para essas pessoas e à forma como a dominação se estabelece através delas.

Dessa maneira, procura-se fazer uma análise crítica-reflexiva dessas relações de poder usando o método tematólogo conforme a teoria de Trousson (1998), que se refere a uma metodologia de pesquisa concentrada na identificação e análise de temas específicos em materiais ou textos, nesse caso, de gêneros diferentes, com o intuito apenas de desvendar o que eles têm a oferecer. Alinhado aos estudos tematólogos de Trousson, adotou-se também a perspectiva de Carvalhal (2005, p. 177) no que concerne aos estudos comparados, que, de acordo com ela “cada vez mais que não é possível pensar em campos de saber estanques, conclusos e fechados em si mesmos, pois o que se acentua é a natureza híbrida dos diversos domínios do conhecimento e da expressão artística, sua inter-relação”. Nesse aspecto, percebe-se que tanto a história quanto a literatura encontraram terreno fértil ao explorar a rica saga dos sertanejos que se deslocaram para a Amazônia, justificando a escolha de se trabalhar com duas maneiras distintas de representar tal realidade: o jornal *Folha do Norte* e o romance de Ferreira de Castro, *A Selva* (1930).

### 3 TRABALHADORES DO SERTÃO: A MIGRAÇÃO SERTANEJA E A BUSCA POR SOBREVIVÊNCIA

Independente da motivação, todos esses indivíduos, que por escolha ou necessidade deixaram suas terras sertanejas para se instalarem na *majestade verde* (Castro, 2002, p. 5), tiveram constantes obstáculos. Ao chegar na capital paraense, três eram os possíveis caminhos que os sertanejos podiam trilhar: o trabalho árduo com a agricultura, as labutas dos seringais ou a permanência em Belém. No entanto, a realidade atroz e inevitável se instaurava, fazendo com que, independentemente da escolha feita, a invisibilidade, indigência e uma série de outras dificuldades, tão severas quanto as que foram aqui expostas, fossem compartilhadas igualmente por essas pessoas.

Inegavelmente, os sertanejos, com suor, lutas e sofrimentos, fizeram parte da historiografia da Amazônia Brasileira. Para compreender a importância dessa presença dentro da região paraense especificamente, é necessário reconhecer que os legados por eles deixados, resultam de anos de exploração, dificuldade e luta por sobrevivência, logo, negar tais fatos seria, mais uma vez, invisibilizar sua história e relevância. Dessas dificuldades, surge a facilidade de adaptação, o senso de coletividade, a resistência física/psicológica e, principalmente, a visão do trabalho como motivo de orgulho e como valor fundamental do ser humano. Essas características são perceptíveis quando a sua história é observada, e, dentre os quesitos anteriormente citados, a adaptabilidade às situações e ambientes é a mais palpável quando feito um recorte histórico de uma parte importante de sua existência: a diáspora sertaneja para a Amazônia.

O êxito no comércio da borracha acarretou uma série de transformações na cidade belenense, fazendo com que ela passasse, por volta do século XIX, por um processo de civilização e modernização. Objetivando tornar a cidade o mais europeia possível, a elite local adotou como uma das formas de transformação, o ato de “civilizar” a capital paraense, de modo que uma das medidas para isso seria “limpar” e excluir pessoas em situações de rua, pedintes, mendigos ou qualquer tipo de classe que deixasse a cidade “feia”, conforme exposto por Sarges (2002), e, ainda conforme a autora “A destruição da imagem da cidade desordenada, feia, promíscua, imunda, insalubre e insegura, fazia parte de uma nova estratégia social no sentido de mostrar ao mundo civilizado [...], que a cidade de Belém era o símbolo do progresso.” (Sarges, 2002, p. 14). Logo, a desumanização, exclusão social e segregação eram pilares dessa abordagem, fazendo com que, “Num contexto como esse, os migrantes cearenses que aportavam em Belém também engrossassem as fileiras desses pobres, [já] que nem sempre recebiam auxílios das autoridades.” (Lacerda, 2006, p. 255).

Aos que conseguiam um emprego, na maior parte das vezes, nos seringais da Amazônia paraense, o cenário permanecia o mesmo, recheado de miséria, opressão e



constantes humilhações. Além da história como comprovação, o romance de Ferreira de Castro trata de registrar alguns desses infortúnios, fazendo com que se tenha uma visão de “dentro” desses seringais, sendo possível deslumbrar como todo esse descaso se dava na prática. Assim, *A Selva* se assemelha ao pensamento Bakhtiniano (1993, p. 33, grifo do autor) sobre criação artística:

Diferentemente do conhecimento e do ato, que criam a natureza e a humanidade social, a arte celebra, orna, evoca essa realidade preexistente do conhecimento e do ato – a natureza e a humanidade – enriquece-as e completa-as, e sobretudo ela cria a unidade concreta e intuitiva desses dois mundos, coloca o homem na natureza, compreendida como seu ambiente estético, humaniza a natureza e naturaliza o homem”

Dessa forma, no romance e na realidade, os valores se distorcem e a laboriosidade sertaneja, que deveria ser motivo de orgulho por parte deles, e admiração por aqueles que os recebem na Amazônia-paraense, torna-se, no contexto da Borracha, uma arma utilizada para causar dor, exploração e invisibilidade. Quando sua maior qualidade é convertida em instrumento exploratório, o resultado não se difere do que Ferreira de Castro descreve no romance *A Selva*, que justifica a existência do romance da seguinte forma:

Dir-se-ia que *A Selva*, drama dos homens perante as injustiças de outros homens e as violências da natureza, estava destinada a ser, desde o princípio ao fim, para seu próprio autor, uma pequena história, uma pequena parcela da grande dor humana, dessa dor de que nenhum livro dar senão uma pálida sugestão (Castro, 2002, p. 13).

Castro, nessa citação, exemplifica não só o que virá em suas escrituras, mas retrata uma realidade vivenciada na pele por muitas famílias e homens desamparados em uma terra que não lhes pertencia. Em outro momento, o tio do personagem Alberto, ao tentar encontrar um emprego para ele, faz a seguinte fala: “O homem leva-te. Estive agora a falar com ele. Custou, porque eles preferem cearenses, mas lá arranjei a coisa [...]” (Castro, 2002, p. 26), levando a alguns questionamentos como: por que a preferência por esses trabalhadores? Seria por admiração e valorização de seu modo de trabalhar? Ou ainda, por pensar em amparar, dignamente, esses imigrantes? Certamente não, e a evidência disso está na própria realidade opressiva dos seringais, que se instaurava no instante em que eles lá chegavam, como é perceptível nesta outra passagem do romance:

A chegada de «brabos», os novos legionários que o Ceará e o Maranhão enviavam à selva, provocava sempre risos e chocarrices daqueles que já se tinham estreado na vida da terra insubmissa e de costumes singulares. E se o recém-vindo se melindrava, humilhado pela recepção

imprevista, os algozes folgazões não o largavam mais, deleitando-se em persegui-lo com todas as facécias que podiam inventar contra a sua inexperiência (Castro, 2002, p. 74).

Outro testemunho dessa personalidade, se encontra nas páginas do *Folha do Norte*. Em 1915 o jornalista Rocha Moreira, em nome do jornal, faz uma viagem de Belém rumo às proximidades bragantinas para acompanhar uma área de exploração de jazida de granito que pertencia a um conhecido seu. Nesse local, o que encontrou foram diversos trabalhadores, a maioria composta por sertanejos oriundos principalmente do Ceará. Tamanho foi o deslumbre que o literato teve, sobretudo com a seriedade e afincos que esses indivíduos se empenhavam, que achou necessário estampar, em alguns números da *Folha*, a sua admiração e reconhecimento da importância desses trabalhadores para a região paraense:

[...] tudo fizeram ao mesmo tempo: desbravaram florestas, destocaram terrenos, criaram barrancos artificiais, construíram pontes, abriram cortes, assentaram trilhos, e das próprias árvores que baqueavam (...), como a maçaranduba, e a jarana, foi feito parte dos dormentes sobre os quais hoje descansam os trilhos (...). Como os titãs da mitologia grega não escalaram o Firmamento, nem como o Hércules da lenda removeram montanhas. Fizeram mais talvez, removem jazidas, pouco a pouco contribuindo por diversas formas, para o engrandecimento do Estado e derrubam a mata virgem, assentando trilhos [...] (*Folha do Norte*, 1915, p. 1 *apud* Lacerda, 2006, p. 259).

Além dos elogios tecidos, o jornalista reserva em seu discurso um espaço para expor as inóspitas condições de trabalho a que esses homens eram submetidos. Apesar de os migrantes sertanejos formarem, juntamente com migrantes estrangeiros, um grupo pioneiro no desbravamento e desenvolvimento da região amazônica, o que Rocha Moreira (1915) encontrou foram homens sertanejos vivendo uma “vida rústica”. Em seu depoimento, é possível perceber uma parcela do infortúnio tão recorrente a esses labutadores que, no contexto em questão, adentravam à mata com seus machados pesados, desnudos e suarentos que ali mesmo comiam, e assim seguiam, desde as primeiras horas do dia até o anoitecer (*Folha do Norte*, 1915, p. 1 *apud* Lacerda, 2006, p. 259-260).

Ainda nesse sentido, a literatura de Castro trata de escancarar mais um episódio em que o auxílio a essas pessoas era negado. A viagem do sertão ao Norte brasileiro custava caro e o valor gasto com cada um desses migrantes era somado a uma dívida que só aumentaria com a sua estadia ali. No seringal, compras de produtos básicos para sua sobrevivência eram vendidos por preços exorbitantes que se somariam ao “«talão grande»», ao qual se juntavam posteriormente as despesas da viagem e mais empréstimos que prendiam por



muitos anos ao seringal, em trabalho de pagamento, o sertanejo ingênuo” (Castro, 2002, p. 84). A essa prática, chama-se aviamento, que

Consistia numa cadeia produtiva, na qual estava inserida uma estratificação socioeconômica, política, cultural e jurídica com vários sujeitos sociais envolvidos e cada um exercendo papéis específicos. O endividamento na cadeia produtiva do extrativismo da borracha implicava uma relação vertical, a dependência um do outro, ou seja, a economia da borracha tinha as casas aviadoras em Manaus e Belém que financiavam a produção, disponibilizando aos seringalistas todo o insumo necessário e até os objetos supérfluos para os seringais. [...] (Costa, 2015, p. 108-109).

Essa instância seria então, mais uma, dentre tantas formas de exploração do homem sertanejo, aquele retirante, que, fugindo da miséria e da seca, chegava ao Norte para se tornar assalariado de um sistema absurdo, recebendo dívidas injustas que o levava a se tornar um escravo econômico e moral do patrão (Souza, 2019). Ainda que fizessem de tudo para se desvencilhar dessa situação, era quase certa a sua permanência, mas mais que isso, era a certeza pulsante de que “[...] se o trabalhador, por curta estada ali, por doença ou preguiça não conseguira resolver a dívida inicial, que rebentasse de fome, pescasse que caçasse, pois não lhe forneceria nada para além do valor da sua produção.” (Castro, 2002, p. 83), trazendo à luz o que Costa observa, que os mais prejudicados nesse processo eram os seringueiros já que:

O seringalista obtinha lucros exorbitantes, em função do poder de manipulação da escrita e do superfaturamento dos preços de mercadorias entregues aos seringueiros. A economia da borracha era uma economia de letrados, com exceção de milhares de seringueiros que não conseguiam manipular a escrita, e isso constituía uma das condições para lesar o seringueiro (Costa, 2015, p. 109-110).

Embora episódios como esses fossem extremamente recorrentes, em alguns momentos essas pessoas se viram lembradas, de modo que, entre 1915 e 1916, foram discutidas medidas para auxiliar a leva de migrantes cearenses que aportariam na capital paraense, esses, novamente afetados pela seca. Tais iniciativas eram lideradas, principalmente, pelo governador da época, Eneias Martins, também fundador do *Folha*. O fornecimento de cerca de 11 mil passagens para migrantes nordestinos com destino à Estrada de ferro de Bragança, a distribuição de itens para trabalhar em lavouras e a concessão de terras agrícolas formavam uma variedade de providências tomadas pelo governador, além dessas, a criação de um núcleo colonial que ele justificava pela “necessidade de dar localização às famílias retirantes” que chegavam no Pará apenas para “dedicarem-se ao

trabalho da lavoura” (*Folha do Norte*, 1916, p. 2, apud Lacerda, 2006, p. 274) foi destaque nas páginas do periódico, indicando a sua preocupação e cuidado em destacar não só os lutas desses retirantes, mas também as medidas pensadas para amenizá-las.

Dessa maneira, desvendar a representação dessa classe de trabalhadores, seja no romance ou nas páginas do jornal, é uma possibilidade para entender de que maneira as dinâmicas de poder se estabeleciam à época. De acordo com Bakhtin, precursor em estudos dialógicos, Brandão (2004), traz que a palavra é palco ideológico por natureza, uma vez que ela se estabelece dentro da interação, sendo, portanto, quase impossível dissociá-la do meio social, indo mais longe ainda, “Dialogica por natureza, a palavra se transforma em arena de luta de vozes que, situadas em diferentes posições, querem ser ouvidas por outras vozes.” (Brandão, 2004, p. 9). Sob essa ótica, o mundo é composto e permeado por vozes, cada uma à sua maneira, identidade e realidade, a qual umas são ouvidas, outras, não.

#### 4 SERTANEJO NA AMAZÔNIA: A SAGA DA DESUMANIZAÇÃO

É interessante salientar que esses trabalhadores, antes de serem fisicamente explorados, já experienciavam uma exploração simbólica no momento da sua chegada à “terra prometida”. Governamentalmente, a partir do momento em que o estado criou uma promessa enganosa de prosperidade, de lucros exorbitantes e melhora de vida para pessoas vitimadas pela seca se deslocarem a um lugar desconhecido, sem se preocupar em amparar plenamente as pessoas que nisso acreditaram, deixou, a esses indivíduos, apenas as margens da sociedade paraense, o desemprego, desamparo estatal e a propensão a esses trabalhadores serem mais facilmente explorados por outros poderes. Nesse ínterim, tal situação pode ser entendida a partir da perspectiva de “violência simbólica” defendida por Bourdieu como sendo

toda coerção que só se institui por intermédio da adesão que o dominado acorda ao dominante (portanto à dominação) quando, para pensar e se pensar ou para pensar sua relação com ele, dispõe apenas de instrumentos de conhecimento que têm em comum com o dominante e que faz com que essa relação pareça natural (Bourdieu, 1997, p. 204).

Sob esse prisma, entende-se outro ângulo do que é violência, e, por sua vez, é sutil, mascarada e por isso complexa, que, tal como a violência comumente conhecida, causa danos irreversíveis. Bourdieu, nesse fragmento, abre espaço para reflexões como a adesão dessa violência por parte dos dominados, isto é, para que ela exista, é necessário haver uma “aceitação” por aquele que é explorado, criando-se, assim, um acordo entre o dominante e o dominado, em que este último aceita sua condição. No entanto, essa



aceitação não ocorre forçadamente ou até mesmo consciente, há exemplo, o grupo de trabalhadores sertanejos aportados no Pará, eram expostos a mecanismos e instrumentos (simbólicos) de exploração, tais como, a desvalorização do trabalho na Amazônia, o desamparo governamental dos dois estados envolvidos, e a extenuante luta por adaptação e aceitação local, levava-os a aceitar as condições desumanas, pois não viam outra realidade que não aquela, por consequência disso, acabavam sujeitando-se à marginalização e inevitavelmente, a uma desumanização.

A desumanização é característica marcante desse tipo de violência, em que o indivíduo se vê despersonalizado de si. No contexto da borracha, tais migrantes eram enxergados apenas como instrumento de trabalho, uma ferramenta, um algo, uma coisa, o não-humano, portanto, desprovidos de sentimentos, vontades, necessidades e quereres. Na obra *A Selva*, notam-se vastos exemplos dessas subordinações emprestadas da própria realidade, em uma delas o personagem Firmino explica ao protagonista como funciona o agenciamento dos cearenses para os seringais:

Seu Juca é quem manda buscar os «brabos» ao Ceará e lhes paga as passagens e as comedorias até aqui: Se eles viessem com as mulheres e a filharada, ficavam muito caros. Depois, se um homem tivesse aqui a família, trabalhava menos para o patrão. Ia caçar, ia pescar, ia tratar do mandiocal e só tirava seringa para algum litro de cachaça ou metro de riscado de que precisasse. E seu Juca não quer isso. O que seu Juca quer é seringueiro sozinho, que trabalha muito com a ideia de tirar saldo para ir ver a mulher ou casar lá no Ceará (Castro, 2002, p. 128).

Ao pagar as passagens e os custos da viagem dos “brabos”, o patrão cria uma situação de dependência desses trabalhadores que, por sua vez, se veem obrigados a aceitar quaisquer condições, sendo uma delas a privação familiar, pensada estrategicamente para potencializar e justificar a exploração exacerbada dos seringais. Essa condição imposta é raiz para diversas outras questões envoltas em um único ideal: a retirada de dignidade. Ao despersonalizá-los, a negação de direitos básicos é justificada e normalizada a tal ponto, que até os sentimentos propriamente humanos lhes são recusados. Ao ser questionado sobre sua família deixada no Ceará, o personagem Firmino assim responde: “—Tive, tive. Minha mãe morreu o ano passado. Ih, meu Deus, o que eu chorei! Nunca imaginei que um homem chorasse tanto. Eu escondia a cara na rede para o Feliciano e o Agostinho não verem.” (Castro, 2002, p. 128), escancarando que, além de não ter tido oportunidade de acompanhar os últimos anos de vida da mãe, até o sofrer por isso devia ser feito às escondidas. Ainda nesse diálogo, surge a questão anteriormente citada, a privação da família, não apenas de sua presença, mas da falta de notícias a que esses trabalhadores eram submetidos

Também tive um irmão. Não sei se é vivo, se morreu. Queria vir, como eu, para o Amazonas. Eu lhe escrevi dizendo que não viesse, que as coisas estavam más. Mas ele não acreditou e foi para o Acre, levado por um homem que apareceu, lá no sertão, com conversa fiada de fortuna, que é mentira (Castro, 2002, p. 107).

A sensação esmagadora de se sentir só em uma terra que não é sua, longe dos seus, acrescida à ausência de notícias deles, só se concretizava em um desejo: o retorno. A solidão do homem sertanejo na Amazônia era tal, que, por vezes, tornavam-se apáticos diante de tantos infortúnios, permanecendo apenas a saudade de casa. Firmino demonstra esse sentimento ao desabafar com o protagonista d'*A Selva*: “Todos têm medo das febres que há lá. Eu não tenho medo nenhum. Se morrer, morri. Se não morrer... o que eu quero é voltar para o Ceará. Sempre que penso na minha terra, sinto uma coisa, aqui, na garganta...” (Castro, 2002, p. 106-107), é quase palpável a angústia e sobretudo a indiferença à vida, causada, sobretudo, por essa retirada de necessidades básicas, expondo um lado do “brabo” que não aquele de que tudo suporta e a tudo é imune, mas a sua face sensível que sofre e sente, assim como qualquer outro.

Essas preocupações retratadas na obra figuram uma pequena parte do que foi, para esses sertanejos, passar e suportar todos os descasos, negligências e silenciamentos. Em seu trabalho, Costa vem reforçar dramas semelhantes, utilizando os relatos dos próprios trabalhadores cearenses, presentes no periódico *Correio do Ceará*

Estamos morrendo de fome. **O governo nos abandonou.** Queremos voltar para o Ceará. Temos saudade do inverno, dos rios correndo, das matas crescendo, dos passarinhos cantando. Temos saudade das vaquejadas do gado engordando, do leite, do milho verde. Queremos voltar para nossa terra (*Correio do Ceará*, 1946, nº 9. *apud* Costa, 2014, p. 239, grifo do autor).

É especialmente interessante o uso desse trecho quando observado que, além de ele servir para mostrar a materialização de tudo o que é trazido em uma literatura (*A Selva*) que, em essência, é fictícia, ainda podem, a partir dele, serem analisados os exemplos de elementos causadores de saudade por esse trabalhador confinado à realidade da exploração na Amazônia. Além da exposição às desventuras como a fome, abandono e a negligência, o sertanejo, aqui, evoca elementos que podem causar estranheza, uma vez que lembra da sua terra como um mundo verde, com vida, abundância, e alegrias, ou seja, o oposto da ideia cristalizada que se tem do sertão, abrindo espaço para reflexões de que o sertão, não se resume apenas à seca. A esse respeito Costa (2014, p. 239) destaca que “O Nordeste não se resume ao polígono da seca, mas há um cinturão verde, há região de



terras altas, onde é frio durante boa parte do ano, é provável que nestas regiões o verde, a abundância ocorra o ano todo [...]”, exemplificando a diversidade que essa região é.

Também no jornal *Folha do Norte* foram encontrados relatos de homens que tentaram o retorno para casa, mas as circunstâncias exploratórias os impediram disso. Em um caso específico é relatado na imprensa a história de Anastácio Braga, um seringueiro vindo do Acre, mas que antes de partir para a capital cearense, decidiu hospedar-se em Belém para depois seguir viagem, segundo o *Folha* (1910, p. 1 *apud* Lacerda, 2006, p. 239), esse trabalhador pretendia “divertir-se um pouquinho no teatro circo, no Bar, no ‘Moulin Rouge’, etc”, assim o fez, mas no fim de sua estadia, ao receber a conta, o que constava era “um fabuloso débito de ... 1 conto, seiscentos e tanto mil réis! Quase tudo quanto possuía!”, impedindo-o assim, de seguir o seu destino ao Ceará. Ou seja, mesmo quando esses indivíduos conseguiam, com muito esforço, acumular o suficiente para voltar à sua terra, o sistema, o contexto e as situações encontravam novas formas de violentar e roubar a dignidade deles.

À luz de todas essas reflexões, é notável que a personalidade trabalhadora e a sensibilidade humana do sertanejo na Amazônia se entrelaçam. A partida de suas terras era pensada não apenas como uma jornada em busca de prosperidade individual, mas como uma responsabilidade de amparar aqueles que lá permaneceram. Longe do amparo familiar, era esse laço com a terra natal e a constante saudade dos seus, que tornava as sucessivas explorações, simbólicas ou não, serem suportadas. Sendo também esses conhecidos, amigos e familiares deixados no sertão, os protagonistas da ânsia de retorno que assolava os trabalhadores largados à própria sorte na Amazônia paraense. O poeta sertanejo Alípio Bandeira, em texto retirado do jornal *Folha do Norte* em 1915, representa de forma lacônica tudo o que aqui foi dito sobre a representação desse sertanejo, enquanto trabalhador ou indivíduo:

Não tremo, não corro,  
da sorte que vem,  
de susto não morro  
nem vivo também;  
a vida mais forte fenece que é sorte,  
das malhas da morte  
não sobra ninguém  
(*Folha do Norte*, 1915, p. 1 *apud* Lacerda, 2006, p. 94).

A força, o fatalismo e a resistência transcendem os versos e se transportam para a história do homem sertanejo no Norte. Essa figura se mostrou complexa, em constante transformação e interação, moldando e sendo moldada pelas relações históricas, econômicas e culturais. Portanto, tudo o que permeia o trajeto e a personalidade desses sujeitos se

traduz como um convite à reflexão sobre a complexidade das relações humanas, do poder e do dialogismo emblemático entre esses homens do sertão e a Amazônia. Aprofundar-se nesse período da história, é, também, pensar como a tradição e a modernidade podem ser entendidas a partir da relação traçada entre as regiões Norte e Nordeste a partir do século XIX, o que foi aprendido com isso e quais medidas podem ser tomadas para que novas classes de trabalhadores e migrantes não vivam o que viveram os sertanejos, e que assim, se caminhe para uma sociedade mais justa e igualitária para todos que dela fazem parte.

Em vista disso, percebe-se que, investigar como as relações foram construídas nesse processo a partir de dois objetos de estudo de campos distintos, é expandir os limites da mera análise textual e colaborar ainda mais para uma pesquisa que mostra a multiplicidade da Literatura e sua relação intrínseca com a sociedade. Dessa forma, esse estudo pautou-se na Literatura Comparada “[...] como prática crítica, [que] se inscreve no movimento de mudança das demais modalidades críticas, delas se distinguindo não pelos objetos que estuda, mas pelas perguntas que formula e pelos modos de aproximação de que se vale” (Carvalho, 2005, p. 178). Em suma, questões a respeito das condições de trabalho, exploração, sensibilidade e a força desses retirantes foram o ponto de ligação entre a ficção do romance e a realidade do texto jornalístico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos aqui apresentados, constata-se a complexidade do migratório sertanejo-amazônico no Ciclo da Borracha, e o quão significativo esse momento foi, tanto para os paraenses quanto, e principalmente, para os trabalhadores do sertão. O fato de a análise desse processo partir de estudos com romance, como *A Selva* de Ferreira de Castro, e de textos jornalísticos como a *Folha do Norte*, só ressalta ainda mais como esses indivíduos foram memoráveis na história da Amazônia do século XIX. Mergulhar nessa história a partir dessas duas escrituras foi perceber que tanto um como o outro tratam de denunciar, escancarar e sensibilizar a condição do homem sertanejo, sempre, com o cuidado de o fazer protagonista de suas narrativas.

Ainda que o clamor desses homens tenha sido, direta ou indiretamente, transferido para as páginas d’*A Selva* e da *Folha*, uma parcela significativa de suas dores e angústias foram apagadas e esquecidas antes mesmo de nelas chegarem. Portanto, nem o fictício da literatura, tampouco a objetividade da imprensa, dera conta de materializar, em escritos, as desventuras passadas por esses trabalhadores, seja fora ou dentro dos seringais paraenses. Dessa forma, e com as reflexões aqui trazidas, o que fica é a comprovação da importância sertaneja para o desenvolvimento da Amazônia paraense, esta advinda do trabalho sub-humano, árduo e cheio de concessões individuais. Portanto, esse processo

